

AVENÇA

REGENERAÇÃO

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

ANO XVI

Major Neutel Simões
de Abreu

PARA MAIOR GRANDEZA DO IMPÉRIO

MAIS um ano passou sobre a data para sempre memorável do 28 de Maio. Quinze anos passaram, durante os quais muitos foram de luta para sanear o ambiente português dos elementos perniciosos que o soldavam. Mas se houve luta. — inevitável quando há quem queira entrar a marcha ascensional dum país para atmosferas de mais dignidade do que aquelas em que vegetava — dessa luta não resultaram ódios profundos nem duradoiros.

A Revolução iniciada à voz de Gomes da Costa não foi uma revolução partidária como tantas outras em que o nosso País foi fértil de 1820 até 1926, porque toda a Nação estava em espírito com ela. Por isso se lhe chamou logo de princípio Revolução Nacional. Que o era na verdade e que não se enganaram os que assim a chamaram, encarregaram-se os factos de o provar. Mergulhado havia muitos anos na verdadeira «apagada e vil Tristeza» de que fala o E'pico, Portugal abraçou com entusiasmo a sua própria causa, de que já descrevia. E se assim não fôsse, quero dizer, se na Revolução a Nação não visse o seu próprio ressurgimento, ficaria sem seqüência a obra dos revolucionários e as suas generosas intenções ficariam perdidas. Felizmente não foi assim. A Nação fartara-se já de ser espèzinha, vilipendiada, iludida e enlameada. Os partidos políticos não lhe mereciam confiança nem apoio. Dos homens políticos mais representativos ela já descrevia, e ouvia com cepticismo as suas palavras que nada mais eram do que palavras, ou porque os que as proferiam não tinham quaisquer ideias construtivas para oferecer à Nação, ou porque se encontravam impossibilitados de dar execução ao seu pensamento perante a obra nefasta das patrulhas partidárias e dum Parlamento de retóricos.

E assim, quando pela primeira vez havia longos anos, o Exército se resolveu a intervir para salvar a Nação, viu-se que esta perfilhou com entusiasmo as ideias básicas do movimento, permitindo o seu rápido triunfo. Depois das naturais hesitações das primeiras horas, surgiu Salazar e com ele veio a estrutura jurídica do novo Estado, que procurou repor no seu verdadeiro lugar os valores espirituais e morais de Portugal. E com rapidez — perante o espanto da maioria dos portugueses, tão grande era a descrença numa possível restauração do País — viu-se erguer uma obra honesta, sã e dignificadora que, no berve espaço de dez anos, elevou Portugal no conceito de todos os povos civilizados, também espantados duma restauração que acreditavam impossível. Saneadas as finanças, restaurado o País sob todos os seus aspectos, corporizada a doutrina nacionalista do Estado Novo na Constituição de 1933, nos diferentes Estatutos e em numerosos diplomas, restauradas a Marinha e o Exército, dignificada a moeda portuguesa, viu-se que não houve crise que o Estado Novo não vencesse, a tal ponto que muitos dos seus adversários sinceros e convictos de ontem são hoje alguns dos seus melhores servidores, porque se divergiam dele quanto aos meios de alcançar os seus fins, estes eram idênticos: a prosperidade, a dignificação de Portugal. Por isso a ele aderiram.

Mais ainda: logo que a Espanha nacionalista resolveu escorraçar os serventários de Moscovo, foi com os olhos postos na obra de Salazar, na estrutura política do Estado Novo, que empreendeu a sua restauração interna. E na crise agudíssima que a França está a atravessar, conseqüente à sua derrota do ano passado, que vemos nós? Os seus homens mais representativos e os seus mais altos valores mentais apontarem

(Continua na 2.ª página)

Foi mais uma vez adiada a homenagem a prestar ao sr. Major Neutel Simões de Abreu.

Parece estar assente que a homenagem terá lugar do dia 28, na Sociedade de Geografia sob a presidência do Chefe do Estado, a que assistirão alguns ministros e altas individualidades coloniais.

Será conferente o sr. Carlos Selvagem, ilustre escritor e pessoa que conhece bem as nossas colónias onde já exerceu funções importantes.

De Figueiró além da representação da Câmara, que se fará representar pelo seu Presidente e do Grémio do Comércio, outros indivíduos de destaque se deslocarão à capital, sómente, para assistir à justa homenagem.

A história repete-se

Fedro dizia:—Quando os grandes brigam, os pequenos é que sofrem. Isto já se dizia não sabemos quantos séculos antes da nossa era.

Pois a-pesar-de mais de 2 milênos passados, os factos, infelizmente, repetem-se.

Haja em vista o que se passa por esse mundo além, haja em vista, se nos reportarmos ao nosso comensinho meio, o que se passa entre nós.

Quando os grandes brigam, os pequenos é que sofrem!!!

Dizia-o um grande escritor da antiguidade acima mencionado.

Hoje, como sempre, a história repete-se.

Escola Secundária

Seguiram na próxima passada quarta-feira para Coimbra os alunos do 3.º e 6.º anos da Escola Secundária, a-fim-de prestarem as suas provas de exame no liceu de D. João III.

Bom tempo

Depois dum inverno impertinente e prolongado, de que não há memória, surgem-nos dias bonitos e cheios de calor.

Revista de Inspeção

Informa-se que a revista de inspeção no corrente ano, às praças nas situações de disponibilidade e licenciadas, domiciliadas neste concelho, deverá ter lugar nas seguintes datas: das freguesias de Aguda, Arega e Campêlo no dia 20 de Julho. Figueiró dos Vinhos no dia 3 de Agosto.

Aqui fica o aviso para os interessados.

NESTE meado tempestuoso de Primavera — que pelo seu porte desmente a beleza helénica do nome: ares turvos na atmosfera e ares turvadíssimas na terra — Portugal ofereceu ao Mundo um novo espectáculo digno da grandeza de outras eras: a homenagem a Salazar. Àqueles que por espírito de contradição e blazonando de mentalidades superiores criticaram durante dias a manifestação em projecto; àqueles que aterrados com a marcha dos acontecimentos internacionais diziam que tal manifestação não vinha no momento azado, sendo até comprometedor; àqueles que pelas esquinas e pelos cafés, em conversas muito em segredo (para mais não lhes chega a coragem...) afirmavam que a manifestação não produziria os efeitos desejados; a todos esses, Portugal em péso afirmou clara e iniludivelmente que está com Salazar porque está com a Revolução. Se alguma dúvida hevia, essa dissipou-se. O Povo português — representado por todas as figuras, desde o operário ao camponês, do professor ao magistrado, do homem de letras ao funcionário, do simples soldado ao mais graduado oficial — Portugal em péso, homens, mulheres e crianças, velhos e novos, todos os que vivem intensamente a hora que passa, reuniram-se nas praças de todas as cidades do Império para proclamarem bem alto o desejo de viverem livres, honrados e independentes sob a égide do Chefe providencial que Deus lhes mandou quando todos já desesperavam da salvação.

No meio das suas preocupações de homem de Estado, obrigado a trabalhar sem descanso pela grandeza da Pátria, sempre atento aos graves problemas da política interna e externa, constantemente solicitado por tudo o que se prende com a marcha dos negócios públicos, obrigado ao trabalho mais violento que jámais algum português teve de executar.

Salazar teve a profunda e demorada consolação de ver que todos os sacrifícios, todas as desilusões, todas as horas de dúvida que viveu desde 1928 não foram em vão: trabalhou e trabalha pela grandeza e dignidade de Portugal, mas Portugal reconhece-o e agradece-lhe.

Mais do que nunca era hoje necessário prestar a homenagem da nossa gratidão a Salazar. A hora que passa é particularmente dolorosa para a Europa e para o Mundo. Por muito que se conjecture, não pode imaginar-se com precisão o que seja o Mundo de amanhã. Nunca como hoje foram tão precárias as conclusões tiradas de premissas que nos pareciam e parecem racionais, porque os factos na sua inconsciência a cada passo as desmentem.

E' natural, pois, que o Estadista, na solidão das suas noites, velando sobre os documentos no estudo de qualquer solução dum problema de política interna ou externa, pergunta se a si mesmo, assaltado por dúvida pungente, se valeria a pena trabalhar e consumir uma vida que é sempre breve em favor dos homens, sempre de espírito vário, sempre inconstante nas suas afeições, quasi sempre ingratos para com aqueles que, como Aristides, os salvaram ou lhes fizeram justiça. Se essas dúvidas alguma vez o assaltarem, desvaneceram-se no passado dia 28 de Abril. Talvez pela primeira vez desde 1928 Salazar e Portugal se encontrassem bem frente a frente, olhos nos olhos, coração de encontro a coração, e lessem mutuamente os seus mais íntimos pensamentos.

A obra da Revolução continua, para maior grandeza do Império...

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Com licença!...

Em Setembro de 1939 se dispararam os primeiros tiros, com lúgubre prelúdio da declaração da guerra que desde então tem assolado a terra, o mar e o ar de maneira tão atroz que não tem comparação na história Universal. Neste já longo período bélico, Portugal não tem sofrido directamente qualquer agravo dos países belligerantes, a não ser os naturais reflexos que derivam da grandiosa luta. Portugal é geográficamente um país pequeno na Europa, mas com os seus domínios insulares e ultramarinos, está classificado como 3.ª potência colonial. Os seus oito séculos de história, história das mais gloriosas do Mundo tem sabido manter a sua autonomia com dignidade e bastante brilho e merecido o respeito de todas as nações. Sem arrogâncias, mas com a altivez própria de quem está conscio do dever cumprido, tem sabido administrar-se convenientemente.

País essencialmente colonizador, tem desde há muito colonizado e administrado, as Ilhas e terras continentais que descobriu apenas com o seu próprio esforço. Muito cioso da sua independência, não permite que nem ao de leve, lhe bulam no seu património. Já em recuados tempos um dos seus dirigentes de nome Febo Moniz em termos cortezes mas enérgicos fez saber ao Chefe de Estado, quando se tratavam altos interesses da Nação, que ele não zelava como lhe impunha o bem da Pátria, obrigando a não concluir claramente o crime premeditado. Felizmente sempre houve e há cidadãos predestinados a salvar do perigo este país de Santa Maria. O povo português constitui um bloco cuja unidade é infracionável quando presente o perigo. Sem partidários, une-se em volta do Chefe como um só homem e obedece cegamente à consciência nacional.

De que assim é, e continuará a ser, tivemos a prova evidente no passado dia 28 de Abril findo. A ampla praça do Comércio foi pequeníssima para conter a enorme massa de portugueses de todas as classes sociais que ali foram manifestar ao Chefe a sua inquebrantável fé nos destinos do País, sob a sua direcção. Um incidente veio mais uma vez provar que não é em vão que confiamos plenamente na sábia política do sr. dr. Oliveira Salazar. Em momento infeliz, referiu-se o presidente dos Estados Unidos, sr. Roosevelt, à posição estratégica dos nossos arquipélagos dos Açores e Cabo Verde e possivelmente à sua ocupação pelos americanos para evitar que outra potência beligerante o fizesse, mostrando vários e imaginários perigos.

O nosso governo não tergiversou e sem americanices ou arrogâncias perguntou, em nota officiosa, ao potentado de Nova Iorque o que havia de concreto nas referências ao nosso património insular, património muito português cuja posse era contínua e secular.

Não se fez esperar a resposta, pois, 10 dias após, era dada satisfatória a nota portuguesa, de maneira a não deixar dúvidas sobre a nos a soberania, embora divagando sobre os motivos que levaram Roosevelt a referir-se à estratégia que poderá desenvolver-se nos citados arquipélagos,

Por onde anda o inimigo...

O inimigo que após várias tentativas falhadas perdeu a esperança de nos bater no terreno da actividade política ou social refugiou-se no campo da litteratice e da pseudo-cultura.

Instalado nessa posição e arrematados meia dúzia de intelectuais da categoria «sui generis», dos que se intitulam com ênfase e desenvoltura própria da inconsciência em que divagam, «não conformistas» — indivíduos de retorcida concepção e que desaguam em abstrusas lutas — logo conceberam a seguinte tática:

Insinuar nos espíritos primários e nas inteligências moças, sequiosas de conhecimento de toda a litteratura, todos os clássicos, todos os pensadores da categoria de qualquer época ou país são seus mestres, predecessores, aliados naturais, correligionários e só pensaram e escreveram conforme as ideologias e logomaquias que os tais «não-conformistas» apreçoam como as únicas capazes de regenerar o génio humano implantando o verdadeiro paraíso na Terra.

Em conformidade — e só neste caso — com esse propósito de alicenciamento dos espíritos superiores e respectivo registo nas capelinhas «não conformistas», procura-se dar a entender que nós existimos e vivemos sem qualquer razão moral ou cultural, simplesmente, porque nos apoiamos na força. E, portanto a nossa duração será efémera.

Esta, a habilidade. E para a montarem de tal artimanha, vimos como conspicuos letrados de vara e meia alinharam em frente comum de grandes pensadores e divagantes desde Homero até ao Wilson dos catorze pontos, truncando e interpolando textos!

Se vimos já figuras como Santo Agostinho, Pascal, etc., e até os nossos Camões e Padre António Vieira transformados em apóstolos do pacifismo, filósofos demoliberais, precursores do socialismo marxista e todos enfiados à laia de «não-conformistas», irreverentes para com o Deus que tanto louvaram e para com o Rei que nunca deixaram de servir.

E tudo isto com a aparência candida simplória de espadanar cultura e iluminar as obscuras inteligências!!

E' preciso que esses senhores letrados que montaram a máquina, os senhores que deram o dinheiro e todos quantos colaboraram consciencie ou inconscienciente nesse trabalho de desorientação, dissociação, dissolução e perversão das inteligências e sentimentos saibam que conhecemos bem os seus propósitos e os seguimos desde há tempo, até esta hora em que nos resolvemos a arrancar-lhes as máscaras...

Rui Paiva

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. dr. Rui Paiva, jovem médico, que aqui esteve alguns dias em casa de seu parente e nosso amigo sr. Manuel Ferreira, benquista comerciante na nossa praça.

Para melhor acentuar a nossa posse contínua e absoluta, não hesitou o nosso Governo em mandar tropas e material de guerra para a defesa das cobijas das Ilhas. Muito bem! Confiança no Chefe e atenção aos seus mandatos e Portugal continuará a ser... Porto de abrigo na Europa!

Ulisses Júnior

POSTAIS ILUSTRADOS

Cascais, a noiva do mar

Sobre o mar, a balouçar,
Sonhando co'os esponsais,
Cascais, a noiva do mar...
Cada vez nos prende mais.

A nobre vila encantada,
Com seus jardins de pasmar,
Seus palácios chálés,
E' de perto cortejada
Pelo tapeta do mar
Que se lhe enrosca nos pés.

Tem do Céu divina crença,
Da lua e do sol de prata,
E o mar, na noite imensa,
As suas luzes retrata.

Dá-lhe o Sol a luz brilhante
E a noite um certo langôr
Que nos fala ao coração.
E o mar, como terno amante,
Manda-lhe provas de amor
Nos beijos da viração.

Como noiva, enamorada,
A pensar nos esponsais,
A nobre vila encantada
Cada vez nos sorri mais.

Casa de reis e duquezas
E doutras altas linhagens,
Tem pensadores também.
(O trabalho e as grandezas
Pagam as mesmas portagens
Nas cancelas do Além.)

A riqueza e o trabalho
Vivem aqui irmãmente.
Tal qual a gota de orvalho
Que o Sol torna rejuizente.

Na praia, de areias finas,
Numa luxúria de espuma,
As marés rolam que rolam...
Brincam velhas e meniãs,
Brincam os homens em suma
Com as ondas que os consolam.

Cupido, à praia arrojado,
Ali compôs madrigais,
Era de verão, foi notado...
Ficou de vez em Cascais.

Nos horizontes imensos,
Ao cair dos arrebois,
Vêm-se barcos passando.
As velas parecem lenços,
As luzes são quais faróis,
Acendendo e apagando...

E pelo mar embalada,
A sonhar co'os esponsais,
A nobre noiva encantada
Cada vez nos prende mais.

Cascais, 1941.

Francisco Pires

Educação política do povo

Primeiro, informar o povo das obras e realizações da Revolução Nacional; depois, ou simultaneamente, com a eloquência dos factos, que são aquelas obras e realizações, formar um povo na doutrina que nos rege. Foi assim que Salazar um dia definiu o método da educação política do povo português; e assim têm agido, quer a União Nacional, pela sua Comissão de Propaganda, com as palestras e conferências culturais, do apostolado nacionalista; quer ainda o Secretariado da Propaganda Nacional, que agora, prosseguindo a sua notável acção de propaganda, em todos os aspectos e campos, lança na imprensa as maiores reportagens que já houve, acerca das obras e realizações do Estado Novo, em todo o País.

Pôsto que diferentes os ditos organismos, ambos trabalham com o mesmo fim: — educar politicamente o nosso povo, pondo-lhe diante dos olhos a realidade do que é, em toda a vida nacional, e em todos os cantos da nossa Terra, a obra da nossa Revolução.

Pela Imprensa, que vai geral-

AGUA MOLE

Os animais

Diz E. Hermann que «todo aquelle que faz propositamente sofrer os animais torna-se insensível aos sofrimentos do homem porque não compreende a extensão nem o valor da generosidade e da caridade.»

No entanto, nos meios atrazados, como o nosso, não falta quem não use outro processo nas suas relações com os animais, que não seja a pancada, o aguilhão, a espora, etc.

Sentirão prazer esses homens ou procederão assim por estarem convencidos de que não têm outra cousa a fazer, visto haverem-nos levado ao convencimento de que só pela pancada os animais dão aquilo que há direito a exigir deles?

Um suíço, um boer, um argentino, um holandez, um sueco, um norueguez, etc., e até mesmo um parisiense se tal ouvisse, ou visse, rir-se-ia do caso, ou choraria, conforme o ponto de vista em que se collocasse, porque nós seus paizes, assim como em muitos outros por igual educados, obtemos dos animais tudo quanto é razoável exigir sem lhes bater, sem os aguilhoar nem sobre eles se exercer qualquer outra variante da violência.

«O animal, diz um outro autor anónimo, só deseja amar e servir o dono; contudo as suas forças são sempre limitadas, e o homem é cruel e é injusto quando exige d'ele aumento de trabalho à custa de não merecidas pancadas e outros não menos repreensíveis maus tratos.»

Destas cousas ninguém instrui os homens ignorantes e rude; o que eles vêem é o sportman galhardo ensangantar os cavalos à força de espora, estrangular pombos nos stands, estripar cavalos nas praças de touros, etc.

Como hão de aqueles homens de progredir, de educar-se, de melhorar-se, e deixar de ser os exemplares que são de miséria simultaneamente intelectual e moral?!

Lúiz Leitão

CARTEIRA

De passagem para a sua terra natal da freguesia de Campelo, cumprimentámos na nossa redacção os nossos amigos srs. João Alves Pereira, negociante em Cartaxo e Alfredo da Silva Carvalho, negociante em Santarém.

—De regresso de Moçambique, à sua terra Avelar, encontra-se ali o nosso amigo e assinante sr. Alfredo Fernandes da Silva.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

mente a todas as mãos, já hoje ninguém pode dizer que o não elucidam dessa obra, o que lhe não dão os necessários argumentos para a defender dos inimigos. Ao mesmo tempo, sabido que todo o efeito tem a sua causa idónea, já também ninguém pode deixar de raciocinar assim: — havendo realmente uma obra, há, por isso mesmo, uma ideia que a gera e comanda; e essa ideia não é só a técnica da obra, senão ainda, e principalmente, a doutrina — alma de todas as realizações do Estado Novo, como da orgânica deste, e do seu carácter de pessoa de bem, na frase do Chefe.

Correspondências

Chinguar, 17-4-1941

Baptizado—No dia 13 do corrente na Igreja do Chinguar, foi baptizado o filho da sr.ª D. Belmira Agria Ladeira e do sr. António Simões Ladeira, recebendo o nome de Augusto Elio Guilherme; testemunharam o acto seu avô D. Emilia Quaresma Agria e seu tio sr. Guilherme Obalho Agria, empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela.

— Neste mesmo dia houve missa e visita Pascal à Vila pelo Reverendo Soares.

A' noite houve na Associação, Cinema, baile, — pelo empresário Prata, vende-se o salão repleto. Durando o baile, até altas horas, viu-se muita gente de fóra desta localidade.

Dr. Sérgio dos Reis

Depois duma grave doença que o acometeu há mais de um mês, entrou em franca convalescença o sr. dr. Sérgio dos Reis, illustre director da escola secundária da Câmara.

Ano XVI

(Continuação da 1.ª página)

Portugal como exemplo a seguir e Salazar como o homem cuja doutrina se deve aplicar, porque lá as causas da crise, embora mais profundas, são as mesmas que provocaram a de cá. E independentemente destes dois factos importantíssimos, vemos a cada passo o «vaso português» ser apontado como exemplo a seguir nos países mais progressivos do mundo.

Olhando o nosso passado recente de quinze anos de Revolução Nacional, nada temos que envergonhar-nos. Continuamos a seguir aquela rota de dignidade e verdade que nos impuzemos ao advento de Salazar de 1928, porque só ela nos restituiu a consciência do nosso próprio valor. Por isso a Revolução continua, porque continua e continuará a nossa confiança, a nossa fé nos Chefes que nos guiam, a nossa fé nos destinos do Estado Novo, que tornou possível o rejuvenescimento de Portugal.

FALECIMENTO

No lugar do Nodairinho, freguesia da Graça, Cancellho de Pedrógão Grande, faleceu no dia 16 de Maio p' óximo passado, com 64 anos de idade a sr. Florencia Coelho.

Deixa viuvo o sr. José Henriques e era mãe dos nossos amigos e assinantes srs. Padre Anibal Henriques Coelho e José Henriques Júnior.

A' família enlutada e especialmente aos srs. Padre Anibal e José Henriques apresenta «A Regeneração» o seu cartão de condolências.

Pombos correios

perderam-se 2 nesta vila, com a anilha n.º 465647 e 477980, é favor quem os tiver comunicar para Juvenal da Conceição Simões—Tomar.

Pagamento de assinaturas
 Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:
 Artur Curado, Chimpeles
 Alvaro Nunes, Fontão Fundero
 Anibal Silveira Herdade, Telhada
 Manuel Simões Herdade, Brasil
 Sebastião Moraes, Portela—Arega
 João Alves Pereira, Cartaxo
 Alfredo da Silva Carvalho, Santarém
 José Henriques Júnior, No-deirinho

VENDE-SE Um fogão em bom estado estufa caldeira e forno nesta redacção se diz.

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.** da

Sede—**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Perne	12,45	12,45
Perne	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

— Não se efectua aos Domingos — Não se efectua às segundas-feiras

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

— Efectuam-se às sextas-feiras — Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363**

Joaquim J. Fernandes
 Medico Municipal
 Clínica geral
 Doenças das crianças
 Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
 Médico da Casa do Povo
 Doenças de Pulmões — Partos
 Clinica Geral
 — Consultório e residência: —
 Praça José Malhoa.

João Leal da Silva Tendeiro
 Médico Veterinário Municipal
 Clinica Geral
 Operações e Vacinações
 Figueiró dos Vinhos

Inglês Lecciona-se teórica e praticamente. Quem desejar dirija-se a Dr. Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pêra.

CONSULTORIO DENTARIO
A. MARTINS NUNES
 DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS
 Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia
 Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos
 Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro
 Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Alvaro Amorim Pinto
 Advogado
 Castanheira de Pêra
 Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Anibal Silveira Herdade
Figueiró dos Vinhos
 R. Dr. Martinho Simões
 Agente e depositário dos produtos

Lusalite — Cimentos — Cal Hidráulica
 24-2
 Comissões e Consignações

Serviço permanente EM **Automóvel de aluguer** Telefone 6
Alfredo David Campos
Café Central
 Figueiró dos Vinhos
NO BARREIRO

Vende-se a casa de habitação de Albino dos Santos, que consta de 1.º e 2.º andares, adega, quintal com árvores de fruto, vinhas e água; officina mecânica anexa com todas as ferramentas e mais pertences, que se vende em separado ou em conjunto com o prédio. Quem pretender pode dirigir-se à sua proprietária
Elvira Simões dos Santos
 Figueiró dos Vinhos

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
 SEDE — **LISBOA**
 Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e **Figueiró dos Vinhos**
 Todas as operações bancárias

Armazém de Ferro, Aço e Carvão
Ulisses António da Conceição
Pombal —: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças
Materiais de construção
 Artigos sanitários — Tubos de ferro grês e de fibro-cimento
 Agente-depositário de:
 Cimento LIZ — Produtos LUZALITE — CERAMICA DE TAVEIRO
 Cal hidráulica MACIEIRA 24 24
Os melhores preços —

PEDRA
 Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.
Jerónimo R. Pinhão

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro. Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável
 Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e familias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.
 Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS
Pontão — Pombal
 às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços — Coimbra DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).
 A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro sai de Coimbra, meia hora mais tarde. 24-18

CAMISAS LIMPOPE MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet**.
 Figueiró dos Vinhos

“A Regeneração,”

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:

Cada série de 24 numeros	9\$50
“ “ “ 48 “	19\$00
Este preço é acrescido do porto do correio COLONIAS:	
Cada série de 24 numeros	16\$00
“ “ “ 48 “	32\$00
ESTRANGEIRO:	
Cada série de 24 numeros	24\$00
“ “ “ 48 “	48\$00

Pagamento adiantado

O analfabetismo na minha aldeia

por Maria Tereza Brandão

A maior parte da população da minha grande aldeia é analfabeta ou semi-analfabeta. Por aqui funcionam quatro escolas e dois postos de ensino; algumas pessoas pensam que bastam para a freguesia aprender a ler e a escrever. Mas o certo é que isso não chega: o analfabetismo atinge um elevadíssimo número de pessoas.

Por um lado, os professores batem muito nos alunos, tirando-lhes o gosto de aprender. O uso da palmatória, da vara e dos puxões de orelhas, tornam o ambiente escolar pouco acolhedor: muitas crianças aborrecem mesmo a escola.

Por outro lado, os camponeses vêm-se impossibilitados de mandarem todos os seus filhos à escola, pois dizem eles:

— Quem há-de cuidar das terras? E quem faz esse serviço que a gente tem sempre adiante dos olhos? Mas nós sempre crimos qu'os memos um soubesse escrever uma cartita, isso crimos, mas...

Geralmente vai um ou dois, e, muito raramente, todos. Poucas crianças fazem exame: frequentam a escola dois ou três anos e pronto, os pais não podem dispensar mais o seu trabalho. Passado algum tempo, já nada sabem, mesmo algumas das que vão a exame, por fim também apenas rabissem o nome e soletram qualquer coisa. Com que esforço porém! Até ficam a suar! Escrevem uma carta ou assinam um documento de ano a ano e só vêem um papel com letras «quando o rei faz anos»... Em certas casas, não se encontra mesmo uma única pessoa que saiba ler ou escrever.

De literatura o camponês da minha aldeia, conhece o «Almanaque de Santa Teresinha», «A Voz do Pastor», e jornaleco que o vendeiro assina.

Num deste últimos dias encontrei, diante dum edital, um grupo de camponeses, de olhos curiosos e tristes, a fitá-lo ansiosamente e falando uns com os outros—não fosse a avisá-los para pagarem alguma contribuição, ou para aumentarem a décima. E perguntavam inquietos a quem passava.

—Bocê sabe ler? Tu sabes ler?

Veio um rapaz que, depois de olhá-lo demoradamente, explicou que o edital mandava o povo levar as vacas à vacina, e que cada vacina custava 25\$00.

Os camponeses sentem bem a utilidade de saber ler. Não há muito que um me dizia reconhecendo essa utilidade:

—Sempre quem não sabe ler é um grande burro!

As superstições, os bruxedos, o medo das almas do outro mundo, têm na minha aldeia muitos espíritos conquistados. O homem do campo acredita nas mais ridículas, fantásticas e impossíveis crendices, continuam agarrados aos antigos costumes. As coisas novas representam para eles «o fim do mundo». Quasi sempre, para as suas doenças só chamam o médico em último caso: em primeiro lugar consultam as bruxas e os curandeiros. A maior parte das doenças são para eles «espíritos que se incarnam na gente».

É preciso pois construir-se mais escolas, fundarem-se bibliotecas, divulgarem-se os conhecimentos adquiridos pelo homem, espalhar por toda a parte o rádio e o cinema. Mas primeiro será necessário elevar-se o nível de vida do camponês, porque fora disso ele não arranjará tempo nem dinheiro para isso.

Triunfo

Muito antes da hora marcada, começou a chegar povo e a tomar lugar no adro e na escadaria da igreja matriz da vila. Daí a pouco abriu-se o largo portal e entraram umas senhoras, com direito a lugar de escolha; depois entrou a arraia miúda. Ninguém foi rezar, umas e outras igualmente trataram de arranjar lugar de boa vista à nupcial cerimônia.

Cada vez mais velhinho e sereno, tão simpático na sua humilde mansidão, chegou de tão longe o senhor Arcebispo, que expressamente veio casar os noivos e lançar-lhes especial bênção. Viva deferência à alta categoria da família dela, a mais importante contribuinte do concelho.

Lá vem agora o longo cortejo de automóveis. Nunca o povo vira tantos e tão ricos, duma só vez. Os convidados apeiam-se, sobem a escadaria da igreja. As senhoras veem lindíssimas, pelo braço de imponentes cavalheiros. Alegres todos, felizes. Ao chegar à igreja, abrem alas na grande nave, logo atrás de cada fila dois grandes mares de gente. O órgão começa a tocar Mendelson. E pela rua ao meio da igreja, atapstada desde o exterior, finalmente vimos passar o noivo, de casaca e laço branco, glorioso, triunfante, ao lado duma senhora desconhecida na terra, talvez a mãe; e depois a noiva, pela mão do importante lavrador senhor seu pai, muito rosada e sorridente, ingénua mas teatral, seguida de caudatária, três em rosa e três em azul. Superfilme. Foi o casamento maior e mais rico que ainda se viu na vila e deslumbrou-nos a todos, pobres pacóvios.

!Quem havia de dizer, quando ele aí chegou a tomar posse do lugar, com fiandilhos nas calças e maçon; quem havia de dizer que acabava por tirar a mais rica de todas as herdeiras da vila e filha única, por muitos disputada!

O seu dinamismo inteligente e ávido, só em campo, empolgou facilmente as pequenas e sonolentas do burgo. Rejuvenesceu o meio, a sua mocidade acaudilhou todos. Profissionalmente, os velhos colegas não podiam, nem quiseram fazer-lhe sombra; e com igual êxito o seu único olho calculador pôde ser rei nos outros campos: foi orador de todas as sessões solenes, cantou nas récitas de caridade, fez conferência, aceitou mandato após mandato as presidências das duas sociedades filarmônicas — e isto foi a sua apctose de homem público em vilas de Portugal. Daí em diante apenas estendeu o braço: Presidência da Câmara, Provedoria da Misericórdia, Altos comandos.

Reflexos...

Era um crisântemo... Nasceu como os demais no canteiro dum humilde jardim; porém só para um deles iam os meus cuidados mais afáveis. Via-o crescer; e foi com alegria que eu notei uma vez pujante botão prometendo uma linda flor. Estava enfim recompensado o meu trabalho; aquela planta tratada com tanto carinho e afeição, mostrava então aos meus olhos enlevados numa formosíssima flor.

Senti-me feliz e admirei a beleza daquele crisântemo. Era como eu o imaginara: enorme, duma corola branca como a neve, as suas pétalas ondeadas pareciam sentir os meus afagos. Cioso da sua vida, quasi lhe dedicava a minha e deixava-me ficar ali, às vezes, esquecido de tudo, a prestar-lhe o culto da minha admiração.

¿Mas, como dura pouco o que é belo, tudo o que nos acarícia a alma? Um dia mão cruel veio cortar a flor estrecida e com ela levou um pouco de mim.

Aquele crisântemo que eu amara tanto, tanto... foi cobrir, no cemitério da aldeia, a mármorea campa dum morto saúdoso. O amor que consagrara àquela flor, mudou-se então em saudade; foi com tristeza que a procurei no fúnebre jazigo. Lá estava, entre outras, como no jardim; mas as suas pétalas já haviam murchado, amarelecido, e a frescura e mocidade que ontem a adornavam tinham desaparecido também; tornara-se seca e morria cobrindo triste o mármore do sepulcro.

Perdi mais uma afeição; e, pensando, achei na fugaz vida deste crisântemo um reflexo da vida de todos nós: agora elevados aos mais altos píncaros das honrarias; logo, esquecidos, arastados pela poeira dos caminhos, pedindo refúgio à pedra branca e fria dum túmulo.

M. d'Oliveira Matos

Cinco Vilas

Conferência feita pelo sr. dr. Alberto do Rêgo, na Casa de Leiria

Antes de entrar propriamente no assunto desta curta palestra sobre a região das Cinco Vilas, sinto o dever de dizer que as pessoas a quem devo a honra do convite para hoje vir ler estas páginas, essas pessoas amáveis esqueceram uma realidade muito comprometedora para mim, e que vem a ser o facto da, no caminho da vida, ter entrado já nos domínios tristes da velhice em que se desfolham todas as ilusões e se tolam de núvens os mais lindos horizontes. É, uma circunstância que, me deveria ter levado a não aceder ao convite que me fizeram. Nesta altura da vida, olhamos fatalmente o passado e evocamos as suas sombras em que a saudade nos faz sentir esse «gosto amargo de infelizes, delicioso, pungir de acerbo espinho», de que tão encantadoramente nos fala o divino Garrett. Bem sei, que, para certos espíritos superiores, a idade é coisa que não conta. Para eles os anos passam inutilmente porque conservam sempre esse divino estado de graça que lhes dá o poder estranho e absolutamente inexplicável de, até às mais altas idades conservarem os dons miraculosos que, como ferois de luz eterna, os colocou em meio de baça planície humana. Mas, infelizmente, esses espíritos constituem excepções raríssimas e neles o eterno mistério do ser humano complica-se e envolve-se em novos mistérios que só não veem aqueles que nem de longe atingiram esse estado de espirito de que profundamente nos fala Pascal e onde os que mais sabem seguramente sabem que nada sabem. Até parece que, por cada nova descoberta que a ciência faz, tudo mais se complica e maior se torna a escuridão que, por todos os lados nos cerca. Se impossível é, pois, compreender-

mos o homem banal e normal, bem mais difícil será fazermos uma ideia do que sejam esses espíritos que, como Ticiano, Verdi, Miguel Angelo, Wagner, etc., etc. conservaram, até à velhice a divina graça do génio!... E, para descermos desses cumes deslumbrantes que toda a gente vê, mesmo entre nós se podem citar alguns nomes que, pela conservação integral das suas faculdades artísticas, constituem casos notabilíssimos em que se demonstra não ter o número de anos uma acção inibidora sobre as faculdades criadoras dos verdadeiros eleitos da arte. Dois conheci eu, e muito de perto, Malhóe e Carlos Reis que plenamente demonstram e que acabo de dizer. O primeiro, pintando o retábulo da igreja de Chão de Ocuco aos 77 anos e pouco antes essa deliciosa—Giocondasinha de Figueiró dos Vinhos, como lhe chamou o talentoso e saudoso dr. Manuel de Sousa Pinto, jóia artística que se encontra em Lisboa e em casa de alguém que se acha entre nós e, o segundo pintando o quadro que hoje enriquece a sala nobre do palácio municipal da Louzã, também com mais de 70 anos, são dois exemplos perfeitos de que a idade poder não tem sobre os verdadeiros artistas. Ao vermos a firmeza do desenho desses trabalhos a riqueza das suas cores e o poder emocionante das figuras que na sua composição entram, profundamente sentimos que no espírito desses dois artistas de raça, havia *a quid divinum* que Deus só concede aos seus eleitos. Mas no ambiente médio do ser humano, os anos pesam como chumbo e, enqui-losando as nossas pobres faculdades intelectuais, atiram-nos, como farrapos inúteis para o esquecimento e para o silêncio de que nunca se deve sair. Mas, por mal de V. Ex.^a, eu não segui esse caminho prudente e por isso aqui me tem a pedir um pouco da vossa atenção para esta ligeira palestra em que irei falar duma das regiões mais lindas do nosso distrito. Lembra-me de que no tempo em que estudava no velho Liceu de Leiria, tempo de que ainda hoje me recorro com saudade, os outros estudantes me chamavam serrano porque eu tinha vindo dos concelhos da serra, isto é, duma região um pouco misteriosa e muito distante, lá para as bandas do oriente donde as comunicações com a capital do distrito eram raras e pouco fáceis. E a verdade é que eu e os poucos serranos que estudavam em Leiria, nos sentíamos humilhados com o tão algo depreciativo com que nos falavam da nossa linda região distante e que eles certamente pintavam no seu espírito infantil como qualquer coisa muito inferior às terras que o Liz banha e por onde D. Diniz amorosamente suspirara. Mas a moderna facilidade de comunicações e um consequente conhecimento mais perfeito do alto distrito de Leiria fizeram desaparecer por completo esse tom um pouco desdenhoso com que os rapazes do liceu dessa cidade falavam da minha região.

(Continua no próximo número)

Cinema em marcha, de Manuel de Azevedo. No próximo número, o nosso crítico literário referir-se-á ao livro «O cinema em marcha», de Manuel de Azevedo (Cadernos Azeves, Porto).

FESTAS E ROMARIAS

S. João—Estão decorrendo as novenas tradicionais do Santo Padroeiro de Figueiró dos Vinhos.

A maneira dos anos anteriores têm tido bastante concórdia e são abrilhantadas pelo grupo coral e orquestra desta vila.

A sua festa principal terá lugar no dia próprio, 24 do corrente e dentre as solenidades destacar-se-á a imponente cerimónia da 1.^a comunhão de crianças a quem será servido, como de costume, um lauto jantar, oferta da comissão promotora dos festejos.

Será abrilhantada pela Filarmónica da Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos.

S. Pedro—Esta festa das tradições da nossa terra a realizar-se em 29 do corrente terá este ano a dar-lhe um cu-

nho de maior solenidade a bênção de uma Imagem da Santa Rainha de Portugal, Padroeira de Coimbra, Isabel de Aragão, adquirida por subscrição pública.

Esta Imagem será exposta neste dia na Igreja Matriz desta vila e, após a sua bênção, será levada em procissão para a sua Capelinha de S. Pedro, onde se destina.

A Capelinha que da ribeira onde se encontra tira o nome, vestir-se-á de galas neste dia e será pequena para conter todos os fiéis que ali irão orar a S. Pedro e circundar a nova imagem da Rainha do milagre das rosas com a sua ferverosa oração, pedindo a paz para esta terra lusa a quem ela tanto quis.

Tanto a procissão como a festa será também abrilhantada pela Filarmónica local.

E por fim, aí o temos levando pelo braço ao altar a mais rica herdeira e filha única da vila, lançado agora a destinos talvez mais altos, com maior raio de acção.

Bem empregado curso, bendita a sua inteligência!

Jorge Nunes